

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho*

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARBOS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

O povo judaico, que em todos os tempos se consagrou com muito ardor à lição, e meditação dos Livros Santos, e dedicou sempre ao estudo das letras uma grande parte dos seus indivíduos, não se pode haver por ignorante e bárbaro, como muitos têm ulgado. Quando não houvesse esta razão, e muitas outras abonadas provas da grande aplicação, e saber dos hebreus, bastariam as muitas obras, que êles têm escrito em diversos tempos, e em diversas matérias, maiormente de Literatura Sagrada, para entendermos que, êles sempre conservarão entre si um rico depósito de muita trudição, e doutrina.

Entre todos porém, os que mais se extremaram foram por certo de judeus espanhóis e portugueses, mui dados em tempos antigos a todo o genero de letras humanas e divinas. E por falar dos judeus portugueses, que são os únicos, de que pretendemos tratar nestas Memórias, em mui grande obrigação lhe estamos pelo muito, que concorreram para o estabelecimento dos estudos em Portugal; porque em verdade lhes devemos em muita parte os primeiros conheci-

mentos de Filosofia, da Botânica, da Medicina, da Astronomia, e da Cosmografia; os primeiros rudimentos da Gramática da Língua Santa, e quasi todos os estudos da Literatura Sagrada, que entre nós houve antes do Século XVI, e o que muito contribuiu para se espalharem, e adiantarem os nossos conhecimentos, a introdução, ou polimento da tipografia portuguesa, maiormente hebraica, com que naqueles tempos começamos de competir com as mais adiantadas nações da Itália, e da Alemanha. E pelo que toca aos Estudos Sagrados, que é a matéria de nossas memórias, vejamos o que elas fizeram nessa parte.

CAPÍTULO I

Das três escolas em que aprendiam os judeus de Espanha e Portugal

Desde tempos muito subidos foram os nossos judeus espanhóis pelo comum mui doutos, e sabedores da sua lei, e mui versa-

dos em toda Literatura Bíblica, Talmúdica, e Rabínica.

Três, foram as escolas em que aprenderam:

I — Escolas dos Talmudistas

A primeira foi a dos mesmos *Talmudistas* chamados *Amoréos*, ou *Gemarícos* autores dos comentários do *Misená* (Os Autores dos Comentários ao *Misená* foram chamados *Moraim Amorain Emoraim* ou *Amoréos de Amar-dizer*: porque a sua doutrina é *dizer o que se fez*, a fim que cada Capítulo começa *Itmar he dito*: e a êste seu dito, ou doutrinas e chama *Memerá*, isto é, *Sermão* ou *palavra*. Dêste número foi R. Jochanam autor do *Talmud Jersalymitano* e R. Ase autor da *Gemará* ou *Tolmud Babilónico*, e o último dos *Amoraim* ou *Gemarícos*), que ensinaram nas Academias Orientais de Nahardéa, e de Sorá sobre o Eufrates, e em outras mais erigidas no Século III. A elas recorriam muitos dos judeus espanhóis, indo por longas peregrinações e trabalhos aprender nelas a inteligência da *Lei Escrita*, e as doutrinas do *Talmud*, ou *Lei Oral*.

II — Escola dos Rabanan

A segunda foi a dos *Rabanan*, ou *Juízes Supremos dos Judeus* sucessores dos *Emoraim* no Reino da Pérsia, a que chamaram *Saboréos*. (*Saboréos* quer dizer *opinadores*, por constar sua doutrina de diversas *opiniões*, ou *disputas*, por uma é outra parte; os quais vieram depois da compilação do *Talmud*). Muitos dos nossos foram ouvir suas lições em Babilónia nas famosas Academias de Pumbedita, e Moehafiah, onde ensinaram por quási dois séculos sucessivos.

III — Escola dos Gueonim

A terceira foi a dos *Gueonim*, ou *Guéonim*, ou *Mestres universais dos judeus* insignes propagadores da Literatura Rabínica, que haviam sucedido aos *Raban Saboréos* nos fins do Século XI, e ensinaram até ao princípio do Século XI na cidade e reino da Pérsia. (Chamaram-se *Séonim*, isto é, *excelentes*: por se haverem pelos mais eminentes de todos os homens: os quais subsistiram até a destruição da escola de Babilónia em 4797 da criação do mundo sendo o

último dêles Rab. Haye). Desta escola saíram grandes homens que muito floresceram depois em nossa Espanha; tal foi entre outros R. Judas mui assinalado por seu grande saber, o qual escreveu um tratado das causas, que contém o mar para que não chegue a inundar a terra; e um Dicionário da Língua Árábica, e passou muitos outros livros desta língua para o hebreu: o que bem mostra, quanto êle era versado no estudo de Filosofia, e das linguas; e quanto as ciências floresciam então nas sinagogas de nossa Espanha.

Concurso dos espanhóis a estas escolas — E estas foram as três escolas, a que concorriam os judeus espanhóis em tempos antigos; os pais costumavam mandar seus filhos para se instruírem nelas, como no centro de toda a literatura, e sabedoria sagrada; porque era um princípio assentado da educação liberal entre êles, ir tomar na fonte as instruções daqueles sábios mestres da Nação. Se havia alguma dúvida nos pontos mais árduos da lei, as sinagogas de Espanha a elas enviavam seus deputados para consultar os rabis; dêles recebiam a declaração e decisão de suas dúvidas e se regiam por suas respostas e decretos; praticando os mesmos ritos, cerimónias e costumes legais, que êles tinham. Assim vemos, por exemplo, que as preces, que as sinagogas de Espanha costumavam recitar nos dias de Aflicção e particularmente nos dias das Expições, eram compostas pelo Rabi Minim, cabeça de uma das academias de Babilónia, donde os nossos as haviam recebido.

CAPÍTULO II

Da quarta escola, que é a dos Rabanim de Espanha

Quando e porque ocasião começou a escola dos Rabanim de Espanha — Depois que os judeus no reino da Pérsia começaram de ser perseguidos e desbaratados pelos sucessores de Aly e foram lançados fora de Babilónia, e de suas vizinhanças e lhes faltou R. Haye, supremo *Gaon*, ou *Juiz universal* de todos êles naquelas partes, acabaram as academias orientais chamadas *Marbid* e *Thorât* e se extinguiu o magisté-

rio e govêrno dos *Gueonim*; o que succedeu pelos princípios do Século XI. Então é que começou em nossa Espanha a quarta, escola dos chamados *Rabanim*, ou *Expositores e mestres universais*. Por quanto então é, que muitos judeus de Babilônia correndo diversas partidas, vieram fazer assento nas terras de Espanha; aonde acharam muito abrigo e agasalho entre os seus; com êles cresceu muito o número das famílias judaicas, que entre nós viviam e começou de haver abundância de mestres e doutores entre os judeus, erigindo-se diversas academias, em que se ensinava a doutrina da lei, e do Talmud.

Córdoba é a primeira Academia dos judeus de Espanha; sábios que a fizeram florescer — A de Córdoba foi a primeira e a mais celebrada de tôda a Espanha e como centro de tôdas as outras. Já ela antes se havia afamado muito desde o ano de 948 pela vinda e magistério de Rabi Mosela um dos maiores mestres de Pombedita, e de seu filho Hanoc, ou Enoch Rabi de mui grande sabedoria, que ali chegaram. Haviam sido êstes dois judeus apresados pelos corsários e trazidos às costas de Espanha; os cordoveses os resgataram por caridade sem ainda então os conhecerem, descobriu-se quem êles eram com pasmo de todos, e havendo isto por grande dita, criaram o Rabi Mosela, *Juiz da Nação* e o levantaram por seu mestre, debaixo de cujo magistério conseguiram as grandes luzes, com que brilharam sôbre todos nos Estudos Sagrados. Êste foi o que mais propagou entre os judeus cordoveses os conhecimentos do Talmud, que até ao seu tempo era menos tratado em nossa Espanha; dêle o tomaram todos os outros, que depois se deram entre nós a tais estudos.

Protecção de Hakim Califa de Espanha — Um Príncipe árabe concorrera então muito para o progresso da literatura talmúdica, e luzimento da Academia de Córdoba, qual foi Hakim Califa de Espanha. Êste Príncipe via de mau grado, que os judeus seus vassallos para se instruírem na lei se passavam muitas vezes às portas do Oriente, aonde reinavam os Abanidas, inimigos de sua casa, que muito lhe haviam destruído; pelo que estimou grandemente, que viesse Moreh e que ensinasse o Talmud e poupasse

com isso as freqüentes viagens dos judeus a Bagdad e a Jerusalém e as deputações e mensagens, que as sinagogas de Espanha costumavam até então fazer às sinagogas e escolas do Oriente, que não deixavam de lhe ser suspeitas e de lhe dar muito ciúme e cuidado. Por isso querendo Moseh tornar para sua Pátria, êle o obrigou a ficar em Córdoba.

Começa a escola e a primeira idade dos Rabanim de Espanha — Falecendo rabi Moseh no ano do Mundo 4775, de Cristo 1015 succedeu-lhe seu discípulo Samuel Hallevi, que os judeus alçaram em 4785, de Cristo 1027 com os títulos de *Rab* ou *Mestre* e de *Nagid* ou *Príncipe* em roda a Espanha. Foi êste o primeiro *Rabi* e *Gaon*, em quem começou no Século XI a primeira idade dos Rabanim de Espanha, cuja Escola durou por nove idades.

Aumento dos estudos da Academia dos judeus de Espanha — Então se adiantaram ainda mais os estudos de literatura sagrada entre os judeus espanhóis, pelos cuidados de seu primeiro Gaon; e então cresceu mais o esplendor da Academia de Córdoba, das Escolas de Barcelona, de Granada, de Toledo e outras mais, para o que muito contribuíram os judeus desterrados de Babilônia, que vieram à nossa Espanha no princípio daquele século, os quais espalharam novas luzes, maiormente o sábio R. José ben Isaac ben Schatues.

Protecção de Haschem Rei de Córdoba — Não concorreu menos para isto Hasohen filho de Hakim segundo Rei de Córdoba, a quem o judeus costumavam chamar *Aschafez*, e em quem acharam grande favor e patrocínio. Êste Príncipe árabe promoveu muito os progressos da Literatura Talmúdica no seu reino, mandando pelo R. José ben Schatues traduzir. Traduzir em Arabigo o Talmud, e explicar tôdas as seis ordens do Misená, ou fôsse curiosidade de saber o que continha um livro tão gabado e venerado dos judeus, ou fôsse querer fazê-lo mais vulgar e comum à nação para arreigar mais os judeus em seus domínios e os desviar das freqüentes peregrinações, que continuavam a fazer ainda a Jerusalém e a Bagdad (David Ganz na obra *Thsemach David* ou Descendência de David

p. 130 Abraão ben Dior na *Caballa* p. 22, 22 a 11).

Sábios que se distinguiram na primeira idade dos Rabanim — Assim começou em Espanha a florescente Escola dos *Rabanim*, em que nossos espanhóis de discípulos que dantes eram, se fizeram mestres universais dos judeus, pôsto que não tomassem outro nome, que o de *Sábios* e *Rabinos*. (Os doutores hebreus. depois que acabou a Escola dos *Gueonim*, nunca mais tomaram outro nome, que o de *Sábios Rabinos*. A esta escola de Espanha vinham inumeráveis judeus de tôdas as partes do mundo, para se instruírem na ciência da Lei, e do Talmud; e de maneira a respeitava tôda a nação hebreia, que havendo acabado as idades dos *Gueonim* na Pérsia, começou de as contar pelas de seus mestres espanhóis, ou *Rabanim*.)

Nesta primeira idade distinguiram-se muito entre outros sábios R. Samuel ben Chophni Hacoheh Cordovês, sacerdote Filósofo e Jurista, que publicou um Comentário ao Pentateuco, cujo Ms. existe na Biblioteca do Vaticano. R. Samuel, que ensinou em Barcelona, e foi o que modificou os decretos dos Padres, quando proibiram estudar as línguas maiormente o grego; e judas ben R. Levi Barsili Doutor de Barcelona, e discípulo de R. Gerson, que compôs um tratado sôbre os direitos das mulheres; outro de Cronologia Judaica; e outro de sermões.

Segunda idade dos Rabanim — Seguiu-se depois a segunda idade dos *Rabanim* de Espanha, que teve princípio em Rab. Joseph Halevi, que sucedeu a seu pai no Rabinado e principado; o qual depois foi morto em Granada no ano do mundo 4824, de Cristo 1064 com muitos outros judeus, pela perseguição que se levantou contra êles. (Assim conta Manoel Aboal na sua *Nomologia* p. 227, o qual corrige a era, que havia fixado Samuel Usque na obra *Consolação de Israel*.)

Terceira idade dos Rabanim — A terceira idade começou em Rab. Isaac ben Jacob Alphesi, ou Alphasi, natural da cidade de Fêz, um dos mais sábios homens do seu século. Sendo de idade de 75 anos por se poupar às vexações, que os seus lhe faziam, se passou de África para Espanha em 4848,

de Cristo 1088. A Academia de Córdoba cobrou novo vigor e luzimento com sua vinda. Nela ensinou Alphesi a doutrina do Talmud e a felicitou muito aos judeus espanhóis, reduzindo a compêndio todo o corpo daquela volumosa obra; a qual foi logo comentada pelo famoso Raschi e por outros mais. (Ainda no século passado, como atesta Manoel Aboal na sua *Nomologia*, costumavam os judeus estudar pela obra de Alphesi em suas *Jesibá*, pela haverem por livro de muita doutrina e em tudo conforme ao Talmud, e se usar nêle dos mesmos termos e conceitos do Meisená e se resolverem magistralmente tôdas as matérias; achando-se em resumo tudo o que haviam declarado os *Gueonim*, e *Sábios* seus predecessores; de maneira que êste Livro é chamado *Talmud pequeno*, e é o que os judeus mais estudam e mais consultam). Foi constituído *Nagid* ou *Príncipe do deserto* em Espanha. Faleceu na Vila de Luuna de idade de 90 anos em 4863, de Cristo 1103.

Sábios que floresceram nesta idade —

Em seu tempo floresceram quatro judeus cordoveses de seu mesmo nome. Um dêles foi R. Isaac bar Baruch, que fazia remontar a sua genealogia até o antigo Baruch Ammanucuse ou Secretário de Jeremias, cuja família se dizia haver vindo para Espanha nos tempos de Tito: foi chamado o Matemático, pelo muito que sabia de matemática e lições que havia dado desta ciência ao Rei de Granada. Os sarracenos fizeram dêle grande estima. Êste e Alphesi foram inimigos, e cabeças de diversas escolas e só por morte se reconciliaram; os outros foram R. Isaac bar Moseh, R. Isaac ben Giath grande Poeta e Presidente, que depois foi da Academia de Córdoba, tutor e mestre de R. Azarias Ha-Levi filho do Nagid José Ha-Levi; e R. Isaac ben Reaben de Barcelona insigne poeta e Talmudista.

Quarta idade dos Rabanim — A quarta idade teve princípio no Século XII em Rab. José bar Meir Ha-Levi conhecido por Aben Megas, natural de Sevilha, que sucedeu a seu mestre R. Isaac Alphasi na presidência da Academia de Córdoba que lhe cedeu antes de seu falecimento e a teve por espaço de 38 anos. Faleceu de idade de 64 anos em 4901, de Cristo 1141, deixou

entre outros discípulos três muito eminentes, que foram seu filho R. Meir, seu sobrinho do mesmo nome e R. Moseh bar Maïemon ou Maïemonides.

Quinta idade dos Rabanim — A quinta idade principiou em Rab. Moseh bar Maïemon natural de Córdoba; que foi o discípulo de Aben Megas, que mais mereceu as atenções de todos; faleceu no Egipto em 4964, de Cristo 1204. Êle, e R. Abraão Aben Ezra e David ben Joseph Kinchi, que concorreram neste tempo, foram três dos maiores homens, que tem tido a Sinagoga. Também se distinguiram muito R. Isaac Aben Giad, R. Salomão ben Gabirol, R. Abraão Ha-Levi ben David, R. José Hacoheu, R. Jehudah Aben Thibon; os dois rabis, que tinham ambos nome de Abraão e ambos adversários de Maïemonides, que ensinaram na Pesqueira lugar de Castela-a-Velha; Judas Médico Cabeça da Sinagoga de Toledo, que escreveu contra Kinchi em defesa de Maïemonides; R. José ben Thsaddik, juiz dos judeus e grande poeta, que morreu em 1150 e parece ser o mesmo, que indo de Espanha para Babilónia lá foi feito *Gaon* das reliquias dos judeus, ou semelhante a *Gaon*, pois que o *Gaonado* dos judeus havia acabado em R. Haai (Nicoláo Serrari liv. I. c. x. p. 255). A guerra literária, que se ateou neste século entre as sinagogas de Espanha e as de Narbona despertou nesta idade os estudos Talmúdicos e Rabínicos (*Basnoge Hist. des Juifs.* tom. . . págs. 265, 266, 280 e 287).

Sexta idade dos Rabanim — A sexta idade assentou nos fins do Século XII em R. Moseh de Cozi e R. Moseh Nachman filho de R. Isaac bar Reuber o último dos cinco famosos Isaac da terceira idade (Maïemonel Aboal Nomologia).

Sétima idade dos Rabanim — A sétima idade começou no Século XIII em R. Selomoh ben Adereth, e R. Perez ben R. tiveram nesta idade grande nome entre outros Gerson ben Selomoh e Jedahiah Hapenini.

Oitava idade dos Rabanim — A oitava idade entrou nos princípios do Século XIV com Rab. Aser de Nação Tudescã, que de Alemanha se havia passado à nossa Espanha em 1300; foi feito Rab. e principal mestre

de toda ella na cidade de Toledo, onde faleceu em 1328. Êle foi o que mais espertou os estudos Talmúdicos e Rabínicos e os fez florescer muito nestes tempos. Sucedeu-lhe na dignidade e magistério seu filho Rab. Jehudah, que residiu sempre em Toledo para onde já antes se havia transferido a Academia que os judeus tinham tido em Córdoba até 5009, de Cristo 1249.

Nona idade dos Rabanim — A nona idade abrangeu parte do Século XIV e do Século XV e foi cabeça dela R. Isaac Campanton conhecido vulgarmente pelo *Gaon de Castela*; viveu 103 anos e faleceu em 1463. Sucedeu-lhe seu filho R. Isaac Aboab chamado por autonomásia o *Rabi* que foi o último *Gaon*, o qual saiu de Castela para Portugal em 1492 pelo desterro geral da Nação.

Sábios que floresceram nesta idade — Nesta idade floresceram R. Isaac de Leão e R. Abraão Zacuto discípulos de Campanton e também R. José Uziel, R. Scem Tob, R. José Penso, R. Jacob de Rab, R. Samuel Serralvo e R. Jehudah Aboab.

(Continua).

Vida comunal

Pôrto

Ano-Novo

As festas do mês de Tishri (lua de Setembro), Ano-Novo de 5705 (Rosb-Ha-Shannah), Kipur (Dia do Grande Perdão) e Sukoth (Festa das Cabanas) foram realizadas solenemente na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, à Rua Guerra Junqueiro. Tomaram parte activa no culto os Srs. S. Wormser e Samuel Rodrigues.

Festa dos Macabeus

Esta festa chamada Hanucah, comemorativa da restauração do serviço religioso no Templo de Jerusalém pelos Macabeus, foi celebrada também nesta cidade do Pôrto.

Visado pela Comissão de Censura

JUDAH MACABEU (MAKABI)

1 — Judah alcança grandes vitórias sobre os siríacos — Após a morte de seu pai, Judah colocou-se à testa dos judeus. Ele não confiava somente na sua espada, mas também e sobretudo na assistência divina, que ele implorava antes de cada combate. Com os seus 6.000 soldados valentes e dedicados, Judah conseguiu grandes vitórias sobre os poderosos exércitos siríacos. Ele próprio se batia como um leão.

Chamaram-lhe então "Macabeu" que significa, diz-se, "O Malho" (da palavra hebraica Magabh, malho), porque ele esmagava os inimigos como o malho bate o ferro (outra etimologia faz derivar Macabi, das iniciais das palavras: "Mi Camokh, Boelim lah" Êxodo XV, 113. (Em poder é comparável à tua, Senhor!), divisa que era inscrita, diz-se, sobre o estandarte macabeu.

— Antíoco enviou contra ele Lysias, o melhor dos seus generais, com um exército de 20.000 homens. Este contava de tal modo se apoderar, deste punhado de revoltosos que tinha convidado mercadores de escravos para virem comprar prisioneiros. A vista deste grande número de inimigos, o desencorajamento invadiu num momento o coração dos companheiros de Judah. Mas este os encorajou: — "Não tenhais medo; Deus pode dar a vitória ao pequeno número como à multidão. Os nossos inimigos batem-se por coisas vãs; mas nós, nós nos batemos pela nossa vida e pela nossa religião". Depois ele marchou ao encontro duma fracção inimiga, surpreendeu-a durante a noite e conseguiu uma tal vitória que o resto do exército siríaco foi obrigado a retirar-se da Palestina.

2 — Judah entra em Jerusalém e restabelece o serviço do Templo — Agora o caminho era livre e Judah pôde avançar até Jerusalém, mas chegado ao monte Sion, que triste espectáculo se apresentou aos seus olhos! O altar fôra profanado, o santuário fôra devastado, e a erva crescia no átrio. Muito comovido Judah e os seus valentes rasgaram os seus vestidos e se lamentaram. Mas pouco depois Judah lançou-se à obra. Ele purificou o lugar Santo profanado e mandou fazer de novo utensílios sagrados. Demoliu o altar, que tinha sido manchado

pelos ímpios, e fêz construir um novo, que foi inaugurado no dia 25 de Kislev do ano 155 no mesmo dia em que, três anos antes, a estátua de Júpiter Olímpico tinha sido colocada no templo. A festa de inauguração do altar (Hanukah Hamizbeáh) foi celebrada no meio dum grande entusiasmo, e ofereceram sacrifícios de reconhecimento cantando hinos em louvor do Deus Único.

— Durante a purificação do Templo, encontraram um frasco de óleo sagrado, trazendo ainda o selo do antigo grande sacerdote. Serviram-se deste óleo para acender pela primeira vez o candelabro de sete ramos. A quantidade de óleo encontrado bastava para alimentar as lâmpadas durante um dia; mas, por um milagre, elas arderam durante oito dias até que podessem preparar outro óleo sagrado. É porque os doutores desta época prescreveram que todo o Israel comemore a recordação deste glorioso acontecimento por uma festa anual de oito dias de duração, que se chama Hanukah (Inauguração).

3 — Morte de Antíoco — Antíoco à notícia da derrota dos seus exércitos, prometeu a si vingar-se e, no seu orgulho exclamou: — "Eu farei de Jerusalém o túmulo dos judeus!"

Mas Deus não permitiu que ele executasse os seus projectos. Ao voltar ao seu país, ele caiu do seu carro e feriu-se gravemente. Uma horrível doença se declarou em seguida a estes ferimentos. Em face da morte, ele arrependeu-se e disse: — "É justo de se submeter a Deus." Mas o Senhor deixou este blasfemador morrer no meio de atroz sofrimento.

4 — Batalha dos elefantes. Proeza de Eleazar — Antíoco Eupator, sucessor de Epifânio, invadiu por sua vez a Judeia com um imenso exército de mercenários e com elefantes treinados para a guerra. Antes da batalha, deram a estes animais sumo de uvas para os excitar ao combate. Cada elefante trazia uma torre de madeira, que continha 32 guerreiros. Judah aproxima-se para travar combate, mas o medo invadiu o coração dos seus guerreiros à vista destes animais monstruosos. Então

Eleazar, irmão de Judah, vendo um elefante revestido duma maneira real e ultrapassando todos os outros, julgou que êle conduzia o rei. Resolvido a libertar o seu povo, precipitou-se audaciosamente no meio da falange inimiga, dando golpes mortais à esquerda e à direita para romper as fileiras inimigas; depois, metendo-se debaixo do elefante, feriu-o no ventre. O animal, caindo sôbre êle o esmagou; mas Eleazar tinha sacrificado em vão a sua vida. Perante o número dos inimigos, Judah viu-se obrigado de bater em retirada e refugiar-se no recinto fortificado do Templo, onde êle estava ao abrigo de todo o taque.

5 — Nova proeza de Judah Macabeu — Demétrio, novo rei da Síria, recomeçou a luta contra a Judeia (161 antes da Era vulgar), êle enviou o general Nicanor com numerosas tropas contra Jerusalém. Judah foi obrigado a pôr-se de novo à testa dos seus fiéis, três mil homens sômente. Os dois exércitos travaram combate a 13 de Adar, e Nicanor foi derrotado. Êle próprio morreu na refrega. Para agradecer a Deus a sua ajuda o povo judeu comemorou por longos anos a vitória do 13 de Adar, por uma festa, chamada Festa de Nicanor.

6 — Morte de Judah Macabeu — Para ter um aliado contra os siriacos, Judah entabulou negociações com os romanos, então seus inimigos; êle concluiu até com êles um tratado cujo texto, gravado sôbre tábuas de bronze foram por muito tempo conservadas no Capitólio. Mas êste tratado, realçando o prestígio dos judeus, não lhe deu ajuda sincera. Quando, no ano seguinte, os siriacos invadiram de novo a Palestina, os romanos não enviaram nenhum socorro. Judah, abandonado só tinha oitocentos homens para opor ao exército inimigo. Com êste punhado de bravos, êle ousou contudo atacar as forças do inimigo, muito superiores e conseguiu um sucesso momentâneo em Eleasa, mas, no seguimento da batalha, êle foi morto, e a vitória coube aos siriacos (160 antes da era vulgar). Os seus irmãos recolheram o seu corpo e enterraram-no no túmulo de seus pais, em Modim.

Todo o Israel fêz ouvir choros e lamentações, dizendo: — "Como morreu êste valente, que libertava Israel?"

NECROLOGIA

De Londres recebemos a triste noticia de que Deus Bendito chamou à sua divina presença a alma de

Arthur de Casseres

Membro do Conselho dos Anciãos da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, membro do Portuguese Maranos Committee. Êste Sr. veio ao Pôrto tomar parte na inauguração solene da Sinagoga Kadoorie, onde agora lhe foi rezada solenemente pelo Moreh Marano, Sr. Samuel Rodrigues uma ascabah.

Rev. Abraham Castel

Ministro oficiante da Comunidade Israelita de Lisboa a qual serviu dedicadamente durante trinta anos.

O seu officio fúnebre foi rezado na Sinagoga Israelita Shaaré Tikvah de Lisboa.

Dr. Erich Rubenfeld

No dia 25 de Janeiro de 1944 faleceu sùbitamente com 54 anos de idade em Lisboa o nosso correligionário e médico distinto Dr. Erich Rubenfeld natural de Áustria donde emigrou para o Pôrto, de cuja Comunidade fazia parte e era o elemento activo da 4.ª secção (Signo Vermelho) que trata de assistência clínica. Homem... homem estudioso e bondoso.

Que as suas almas sejam unidas ao feixe da vida eterna e os seus corpos repousem em paz e glória.

E digamos como Job: "Deus os deu, Deus os levou, louvado seja Deus".

— Na Catedral Judaica do Norte de Portugal (Sinagoga Kadoorie Mekor H'a'im), foram rezadas solenemente as Kboth por êstes ilustres extintos, sendo oficiante o Moreh Marano Sr. Samuel Rodrigues.

JUDAH HALEVI

POR ISAAC JACOB LOPES MARTINS

De entre a vasta pléiade de judeus hispânicos cuja contribuição literária mais notável repercussão teve em sua época e sendo ainda hoje admirável na sua grandeza, Judah Halevi (Abu al-Hasan al-Lawi) nascido em Toledo nos fins do século 10.º, no ano de 1085/6 é sem dúvida uma das suas mais brilhantes figuras.

Durante a conquista de Toledo pelo rei Afonso VI, foi Judah Halevi para Lucena a fim de ser educado pelo Rabi Isaac Alfazi.

Tempos após, o seu mestre morria e Halevi com o coração entristecido por tal perda, compôs a Elegia "*Diwan es Abul Hasan Jehuda a-Levy*", que podemos considerar as suas primícias literárias.

Depois da morte do Rabi Alfazi, Judah Halevi foi aluno do Rabi Joseph Ibn Migas-Baruch Albalia e tornou-se o seu discípulo mais dilecto.

Entretanto prosseguindo os seus estudos em Toledo, forma-se em medicina, indo mais tarde exercer clínica em Córdova.

Considerado um dos mais inspirados poetas hebreus, Halevi dá-nos em páginas de suprema beleza, os seus *Cantos de Sion*, nos quais atinge o ponto culminante do êxtase divino, e faz renascer o lirismo judaico, descrevendo-nos com acrisolado amor, a glória e o esplendor passados, a tristeza dum presente duro e cruel e a fé inabalável no ressurgimento e nas alegrias futuras de Israel. A sua obra poética ainda continua e Halevi dá-nos *Zion Ha-lo Tisl'ali* e *Tal Orot*, etc..

Judah Halevi não foi só um poeta admirável, mas também um filósofo de grande valia, deixando-nos entre outras obras o *Cuzari* ou *Hauzari*, contra o qual mais tarde se despenhou todo o ódio e fôrça do Santo Officio...

...No *Cuzari* Judah Halevi, faz a apologia filosófica do judaísmo contra as pretensões e deturpações das crenças adversas...

Historia-nos a conversão ao judaísmo de Bugan, *Chagan* dos *chazares*, reino formado

por tártaros cuja capital Atel era próxima da actual Astrakâm, nas margens do Volga; compondo-se o seu território de quasi tóda a Rússia do Sul.

Pelo período de 250 anos foi este reino judaico dos "Chazares" temido e acatado, mas no ano de 969 (e. v.) o duque de Kiev "Sviakoslaw" tomou a capital e obrigou-os a dispersarem-se formando diversas comunidades no Sudoeste europeu.

Halevi dá-nos neste trabalho em páginas de rara beleza a insofismável afirmação da superioridade do judaísmo, exaltando as nossas concepções monoteístas e as suas benéficas influências para a humanidade.

Halevi que como bom judeu mantinha dentro de si bem viva a imagem da Terra Prometida, dirigiu-se após a morte de sua mulher, ainda com o coração estiolado pela dor, para a Cidade Santa, cantada pelo nosso rei David e exaltado por tantos outros, pela sua beleza e grandiosidade onde morreu pouco depois de 1140.

.....

Nós, jovens sionistas, devemos, como Judah Halevi fixar os nossos olhos em Sion, e dar aos nossos actos e pensamentos uma única finalidade: o ressurgimento da Nação Judaica.

Longos e penosos séculos de tribulações e rudes provas se apresentaram diante de nós, não apenas os grandes trabalhos passados mas muitas mais desgraças, deficiências, enganões e decepções nos hão-de por certo ainda assoberbar.

De escudo servir-nos-á a nossa fé e vontade, de companheiras a constância e previdência que nos caracterizam.

No nosso caminho mil obstáculos se levantam, porém, que importa?

Mantendo-nos unidos e inflexíveis, Deus nos ajudará a vencê-los.

Então a Jerusalém poderosa de outrora despertará do seu torpor se séculos concedendo-nos dentro das suas muralhas o repouso e abrigo por tanto tempo ambientados.